

PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO POR CLIENTES DE UMA FARMÁCIA COMUNITÁRIA DO MUNICÍPIO DE MURIAÉ - MG

Regiane Inácio Bittencourt de OLIVEIRA¹, Anders Teixeira GOMES¹ & Denise Aparecida da SILVA¹

¹ Universidade Iguaçu - UNIG - *Campus V* - Itaperuna, RJ.

* Autor para correspondência: dearasp@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo trata-se de um trabalho de natureza qualitativa e quantitativa realizado no período de março a agosto de 2013 com o objetivo de avaliar a prática da automedicação por clientes de uma farmácia comunitária do município de Muriaé-MG. Os dados foram avaliados através de um questionário aplicado aos clientes referente à idade, prática da automedicação, assistência e atenção farmacêutica. Um total de 100 questionários foi aplicado, sendo dividido em dois grupos de 50 clientes cada, um grupo do sexo feminino e outro do sexo masculino. Conforme os resultados, os clientes com faixa etária entre 20 a 40 anos são os que mais se automedicam (60%), sendo os medicamentos mais utilizados em ambos os grupos para a prática da automedicação os anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), os miorelaxantes/espasmolíticos e os antiulcerosos. Os sintomas mais citados como justificativa da automedicação incluíram os quadros de cefaléia em ambos os grupos, seguido de febre para o grupo feminino e de resfriado para o grupo masculino. Os balconistas são fontes para automedicação e, dentre os clientes, 31 do grupo feminino e 33 do grupo masculino afirmaram que mantêm medicamentos em domicílio. Observou-se também que a maioria, em ambos os grupos, afirma conhecer os possíveis benefícios e/ou riscos da automedicação, mas desconhece as possíveis interações medicamentosas, assim como a maioria não lê a bula que acompanha os medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação, Uso irracional, Farmácia domiciliar, Atenção farmacêutica.

ABSTRACT

The present study deals with an qualitative and quantitative work of conducted between March to August 2013 with the aim of evaluating the practice of self-medication by clients of a community pharmacy in the city of Muriahe - MG. Data were evaluated through a questionnaire administered to clients and it was related to age, self-medication, care and pharmaceutical care. A total of 100 questionnaires were used and divided into two groups of 50 guests each, a group of feminine sex clients and another one of masculine sex clients. According the results, clients aged between 20-40 years perform the self-medication more frequently (60%) being anti-inflammatory drugs (NSAIDs), the myorelaxant/spasmolytics and anti-ulcer the most widely used drugs in both groups to self-medication. Symptoms most often cited as a justification of self-medication in both groups included headache, followed by fever for the feminine group and cold for the masculine group. The counter clerks are sources for self-medication, and among the clients, 31 of feminine sex and 33 of masculine sex said that they store medicines at home. It was also observed that the majority in both groups, claims to know the potential benefits and/or risks of selfmedication, but unaware of potential drug interactions, as well as the majority do not read the package insert that accompanies the medication.

Keywords: Self medication, Use irrational, Pharmacy home, Pharmaceutical care.

1 – Introdução

A automedicação refere-se à situação na qual as pessoas fazem a seleção e uso de medicamentos para tratar doenças ou sintomas percebidos sem a prescrição ou a supervisão de um médico (NAVES et al., 2010). Segundo Pereira et al. (2007), pode ser ainda entendida como as diversas formas pelas quais o indivíduo ou responsáveis decidem, sem avaliação médica, o medicamento e como irão utilizá-lo para alívio sintomático objetivando-se a cura.

Os medicamentos possuem forte valor simbólico para a população, transcendendo a sua atividade terapêutica, o que contribui para seu maior consumo e uso irracional (SILVA et al., 2011a). Os medicamentos são vistos como um bem essencial à saúde e elementos que constituem em ferramentas poderosas para mitigar o sofrimento humano, com a finalidade de alcançar curas, prolongar a vida e retardar o surgimento de complicações associadas a doenças, facilitando o convívio entre o indivíduo e sua enfermidade (LEITE et al., 2013).

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), no Brasil, cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas à automedicação. A má qualidade da oferta de medicamentos, a falta do cumprimento da obrigatoriedade da apresentação da receita médica, a falta de informação e conhecimento da população em geral justificam a preocupação com a qualidade da automedicação praticada no país (SILVA et al., 2008c).

A automedicação é um tema importante que deve ser amplamente discutido dado o risco de intoxicações, de interações medicamentosas, de reações cruzadas, dentre outros. Considerando-se que se trata de uma prática comum, vivenciada por civilizações de todos os tempos, com características peculiares a cada época e a cada região, surge assim a seguinte questão-problema desta pesquisa: Como se dá a prática da automedicação por clientes usuários de uma farmácia comunitária do município de Muriaé, no estado de Minas Gerais?

O objetivo geral desta pesquisa foi dissertar e discutir o tema em questão e propor novas estratégias para a solução do problema. Os objetivos específicos incluíram: (1) avaliar potenciais diferenças entre a automedicação em relação ao sexo; (2) verificar quais são os medicamentos mais associados à automedicação e (3) conhecer o perfil sócio-cultural dos clientes, os motivos que influenciam o consumo da utilização dos medicamentos.

A base do trabalho foi uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa abordando o tema automedicação por clientes usuários de uma farmácia comunitária do município de Muriaé - MG. Para melhor entendimento do tema abordado, o trabalho foi dividido em

seções, a saber: Introdução; Revisão bibliográfica referente ao Uso irracional de medicamentos, fatores que levam à automedicação e atenção farmacêutica; metodologia; resultados e discussão; conclusões.

1.1 – O uso irracional de medicamentos

Conforme Souza et al. (2008), o uso indiscriminado e indevido de medicamentos constitui um grave problema de saúde pública, principalmente nos casos de automedicação, ou seja, na ausência de prescrição médica.

A automedicação é motivada pela oferta de medicamentos de venda livre, o que contribui para a utilização indevida de medicamentos (OLIVEIRA et al., 2010).

Com um sistema de saúde pouco estruturado, em alguns países a procura por atendimento diretamente nas farmácias representa a primeira opção para resolver os problemas de saúde (VITOR et al., 2008).

Entretanto, se o brasileiro tende a se automedicar, é também porque não encontra disponibilidade dos serviços de saúde mais acessíveis, precisando ficar horas em uma fila e, às vezes, esperar dias e até meses para ser atendido por um médico (AQUINO, 2008).

A guarda de medicamentos em domicílio e a prática da automedicação é de longe conhecida no seio da população brasileira (LIMA et al., 2010).

Segundo Tourinho et al. (2008), a farmácia domiciliar, frequentemente depositada em locais inseguros e inapropriados, o que pode interferir na qualidade do medicamento, contribui com as possibilidades de desperdício e consumo irracional incluindo a facilitação da automedicação não responsável, bem como o aumento do risco de exposições tóxicas não intencionais.

Conforme Medeiros et al. (2011) a automedicação é um hábito comum no Brasil e sempre foi um assunto muito discutido e controverso. É um fenômeno potencialmente nocivo à saúde, pois nenhum medicamento é inócuo ao organismo.

Sabe-se que o uso excessivo e inadequado de medicamentos acarreta um desperdício de recursos, com frequência pago pelos pacientes e trazem como consequência um considerável prejuízo devido à falta de resultados positivos e à incidência de reações adversas (FRANCESCHET et al., 2010).

O crescimento e a difusão da automedicação pelo mundo estão relacionados a fatores econômicos, políticos e culturais (PEREIRA et al., 2007).

Sob o ponto de vista de Finkel et al. (2010), o objetivo do tratamento medicamentoso é prevenir, curar ou controlar doenças. Para isso, doses adequadas de fármacos devem ser oferecidas aos tecidos-alvo, de forma a serem obtidos níveis terapêuticos, porém não tóxicos.

Deve-se considerar que os efeitos terapêuticos e tóxicos dos fármacos resultam de suas interações com moléculas no paciente (KATZUNG, 2007).

1.2 Fatores que levam a automedicação e Atenção farmacêutica

De acordo com Aquino et al. (2010), a propaganda massiva e a facilidade de acesso a medicamentos em farmácias e supermercados, levando a impressão de que são produtos livres de riscos contribuem para a automedicação. Por outro lado, a automedicação como uma necessidade, tem inclusive uma função de complementar os sistemas de saúde, particularmente em países pobres. É evidente que este hábito, utilizado de maneira inadequada, pode ter como consequência efeitos indesejáveis, podendo levar ao aumento de gastos na área da saúde.

Dentre os motivos que levam as pessoas a utilizarem medicamentos por conta própria podem ser citados o desespero, a angústia pela possibilidade de se adquirir uma doença, a dificuldade e o custo de se conseguir uma opinião médica, a limitação do poder prescritivo (restrito a poucos profissionais de saúde), a falta de regulamentação e fiscalização daqueles que vendem e a falta de programas educativos sobre os efeitos (SILVA et al., 2011b).

Segundo Cunha et al. (2012), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) traz dados que indicam as dimensões do uso irracional de medicamentos, quais sejam: 15% da população mundial consome mais de 90% da produção farmacêutica; 50% de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou usados irracionalmente; os hospitais gastam de 15% a 20% de seus orçamentos para tratar problemas causados pelo mau uso de medicamentos; 40% dos pacientes que são atendidos nos prontos-socorros são vítimas de intoxicação por medicamentos.

Neste caso é importante mencionar Carvalho et al. (2008) que destacam o modelo de consumo de medicamentos no Brasil influenciado fortemente pela falta de controle em toda a cadeia de disponibilização, desde a produção até a comercialização contribuindo para o

consumo irracional e abusivo de produtos de venda livre e mesmo dos que necessitam de receituário médico.

Para que se tenha uma ação efetiva no tratamento terapêutico é necessário que a população esteja e seja orientada como proceder em relação ao uso de medicamentos (VINHOLES et al., 2009).

Uma das atividades da Assistência Farmacêutica é a Atenção Farmacêutica, na qual se tem as ações específicas do profissional farmacêutico que é de assistir ao paciente, visando promover o uso racional de medicamentos (FOOPPA et al., 2008).

Conforme Storptis et al. (2008), a assistência farmacêutica é fundamental e íntegra quando conciliada com amadurecimento dos profissionais da saúde, especialmente farmacêuticos, com ações mais participantes sob o aspecto do compromisso social, e também relacionado ao senso dos gestores do SUS (Sistema único de Saúde) quanto à compreensão da função dos fármacos no sistema de saúde.

Beckhauser et al (2010) cita que a automedicação apresenta seu lado positivo quando é realizada de forma responsável contribuindo para o benefício das pessoas, quando se utiliza de uma alternativa terapêutica sem prescrição, mas com a orientação e auxílio de um farmacêutico para um problema de saúde auto-limitado na dose, concentração e tempo de tratamento adequado.

Sabe-se que atualmente, o uso de medicamentos sem receita médica é aceito como parte correlacionada ao sistema de saúde. Quando praticada corretamente, pode contribuir para aliviar em parte os sistemas financeiros de saúde (RIBEIRO et al., 2010).

Silva et al. (2013) afirmam que, em alguns países, a prática da automedicação é vista como uma maneira de reduzir os custos com o sistema de saúde .

Uma das razões de se preocupar com o uso inadequado de medicamentos está relacionada com o aumento da resistência microbiana aos antibióticos (DANDOLINI et al., 2012).

Calcula-se que as vendas de antibióticos tenham uma parcela de dois terços nas vendas, e que a maioria tenha se originado da automedicação, embora tenha que se levar em consideração que os médicos também prescrevam antibióticos desnecessariamente, como nos casos de infecções virais do trato respiratório superior (SOUZA et al., 2008).

Conforme a resolução 586 de 29 de Agosto de 2013, o Conselho Federal de Farmácia, ao regular a prescrição farmacêutica, o faz em consonância com as tendências de maior integração da profissão farmacêutica com as demais profissões da área da saúde, reforça a sua missão de zelar pelo

bem-estar da população e de propiciar a valorização técnico-científica e ética do farmacêutico (BRASIL, 2013).

2 – Materiais e Métodos

A pesquisa foi realizada no município de Muriaé - MG, durante o período de março a agosto de 2013, sendo de caráter qualitativo e quantitativo, composta por uma seção referente à revisão bibliográfica que aborda a automedicação e uma seção que se refere à aplicação de um questionário aos clientes de uma farmácia comunitária. O questionário foi disponibilizado para dois grupos de clientes, ou seja, do sexo feminino e do sexo masculino em igual número e escolhidos de forma aleatória.

Inicialmente foi apresentado ao cliente o tema e a justificativa do trabalho e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, aplicado em duas vias, juntamente com o questionário. As questões incluíram dados pessoais tais como idade e sexo, bem como dados referentes ao medicamento: qual medicamento solicitado sem a prescrição médica, o motivo da procura pelo medicamento, se possuía algum plano de saúde, como se deu a escolha pelo medicamento em questão, se conhece os possíveis benefícios e/ou danos causados pela prática da automedicação, se tem o hábito de manter medicamentos em domicílio, se faz uso simultâneo de medicamentos, se conhece as possíveis interações medicamentosas, se já recebeu ou solicitou orientação do farmacêutico alguma vez sobre o medicamento que está adquirindo ou outro qualquer, se considera importante a orientação do farmacêutico na dispensação de medicamentos e se lê e segue sempre as instruções da bula que acompanha os medicamentos.

Para a realização da coleta de dados foram observados os dispositivos legais que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde. Após a coleta dos dados, os medicamentos descritos durante a pesquisa foram classificados para melhor avaliação.

3 – Resultados e Discussão

No total foram avaliados 100 questionários sendo 50 de clientes do sexo feminino e 50 do masculino. Dentre as clientes do grupo feminino, três encontram-se com idade inferior a 20 anos (6%), 19 na faixa etária entre 20 e 30 anos (38%), 11 entre 31 e 40 anos (22%), nove

entre 41 e 50 anos (18%) e oito com idade superior a 50 anos (16%). No caso dos clientes do sexo masculino, três encontram-se com idade inferior a 20 anos (6%), 14 entre 20 e 30 anos (28%), 16 na faixa etária entre 31 e 40 anos (32%), nove com idade entre 41 a 50 anos (18%) e oito com idade superior a 50 anos (16%). Um total de 32 clientes do grupo feminino declarou não possuir plano de saúde (64%), enquanto que no grupo masculino tal valor foi equivalente a 28 clientes (56%). Sendo assim, 18 clientes do grupo feminino (36%) possuem plano de saúde e no grupo masculino 22 clientes, perfazendo 36% e 44%, respectivamente (Tabela 1).

Tabela 1. Análise do perfil dos clientes de uma farmácia comunitária do município de Muriaé - MG, em relação à faixa etária, sexo e aquisição de plano de saúde.

FAIXA ETÁRIA (ano)	SEXO	
	Feminino	Masculino
< 20	03 (6%)	03 (6%)
20 - 30	19 (38%)	14 (28%)
31 – 40	11 (22%)	16 (32%)
41 – 50	09 (18%)	09 (18%)
> 50	08 (16%)	08 (16%)

CLIENTES	POSSUI PLANO DE SAÚDE?	
	Sim	Não
Sexo feminino	18 (36%)	32 (64%)
Sexo masculino	22 (44%)	28 (56%)

Fonte: Consolidado dos Questionários aplicados durante a pesquisa.

Os dados revelam que a faixa etária na qual é mais frequente a automedicação atinge os clientes de 20 a 40 anos (60% dos clientes, considerando-se ambos os sexos), o que pode estar relacionado ao fato de que nessa faixa etária os clientes já estão, na maioria das vezes, ocupando um cargo no mercado de trabalho, já possuem certo grau de instrução escolar e, talvez o principal, sofrem influência do meio que frequentam, com informações fora do ambiente familiar. Por outro lado, na faixa etária abaixo de 20 anos, os clientes ainda estão na dependência dos pais, não sendo responsáveis diretos pela automedicação. Nota-se também, que a automedicação é baixa no grupo de clientes com idade superior a 50 anos, acredita-se que nessa faixa etária os clientes já têm maior receio quanto ao uso de medicamentos, até porque, segundo as pesquisas, corresponde ao grupo populacional mais representativo da polifarmácia, sendo assim, os riscos de interações medicamentosas são maiores.

As classes terapêuticas dos medicamentos usados para a prática da automedicação citadas pelos clientes da pesquisa, considerando-se ambos os sexos, incluíram em primeiro lugar os anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) citados por 53% dos clientes, seguidos dos miorrelaxantes/espasmolíticos citados por 18% dos clientes e dos antiulcerosos citados por 12% dos clientes, sendo que outras classes somaram 17% dos clientes e incluíram os medicamentos das classes dos anti-histamínicos, vitaminas, anti-helmínticos, antitussígenos, anticoncepcionais e antifiséticos. Avaliando-se os grupos separadamente, no grupo feminino pode-se observar que 26 clientes citaram o uso dos AINEs (52%), nove clientes citaram os miorrelaxantes/espasmolíticos (18%), sete clientes utilizaram os anti-histamínicos (14%), cinco os antiulcerosos (10%), uma cliente referiu-se aos anticoncepcionais (2%), uma aos anti-helmínticos (2%) e uma ao uso de vitaminas como automedicação (2%). No grupo masculino, 27 clientes citaram os AINEs (54%), nove clientes citaram os miorrelaxantes/espasmolíticos (18%), sete citaram os antiulcerosos (14%), dois citaram o uso dos anti-histamínicos (4%), dois referiram-se às vitaminas (4%), um cliente citou antitussígeno (2%), um citou anti-helmíntico (2%) e um cliente referiu-se à automedicação com medicamento adsorvente e antifisético (2%), conforme tabela 2.

Tabela 2. Análise comparativa dos medicamentos mais utilizados para a prática da automedicação pelos clientes de uma farmácia comunitária do município de Muriaé - MG.

Classe terapêutica	Feminino	Masculino	Total (%)
Anti-inflamatórios não Esterodais (AINEs)	26 (52%)	27 (54%)	53
Miorrelaxantes / espasmolíticos	09 (18%)	09 (18%)	18
Antiulcerosos	05 (10%)	07 (14%)	12
Anti-histamínicos	07 (14%)	02 (4%)	09
Vitaminas	01 (2%)	02 (4%)	03
Anti-helmínticos	01 (2%)	01 (2%)	02
Antitussígenos	-	01 (2%)	01
Anticoncepcionais	01 (2%)	-	01
Adsorvente e Antifisético	-	01 (2%)	01
Total	50 (100%)	50 (100%)	100

Fonte: Consolidado dos Questionários aplicados durante a pesquisa.

Em estudo semelhante, Francis et al. (2007), relatam que os analgésicos e anti-inflamatórios não-hormonais são os medicamentos mais consumidos na automedicação.

Segundo Finkel et al. (2010), os AINEs, representados pelo Ácido acetilsalicílico (AAS), realizam três ações terapêuticas principais, a saber: reduzem a inflamação (ação anti-inflamatória), a dor (analgesia) e a febre (antipirético). Entretanto, nem todos os AINEs são igualmente potentes em cada uma dessas ações. O tratamento de pacientes com inflamação envolve dois objetivos primários: em primeiro lugar, o alívio da dor, que frequentemente constitui o sintoma inicial e a principal queixa constante do paciente e, em segundo lugar, retardar ou teoricamente deter o processo responsável pela lesão tecidual (KATZUNG, 2007).

As causas da procura pela automedicação citadas pelos clientes foram cefaleia, citada por 36 clientes do grupo feminino (72%) e por 25 do grupo masculino (50%), seguida de febre, citada por 14 clientes do grupo feminino (28%) e 10 do grupo masculino (20%), depois resfriado, citado por 16 clientes do grupo feminino (32%) e 10 clientes do grupo masculino (20%), infecção de garganta citada por cinco clientes do grupo feminino (10%) e cinco do grupo masculino (10%) e infecção de ouvido citada por um cliente do grupo feminino e um do grupo masculino (2%), sendo outras causas citadas em menor percentual, de acordo com figura 1. Vale ressaltar que alguns clientes citaram mais de uma causa, justificando-se os valores superiores a 100% no total.

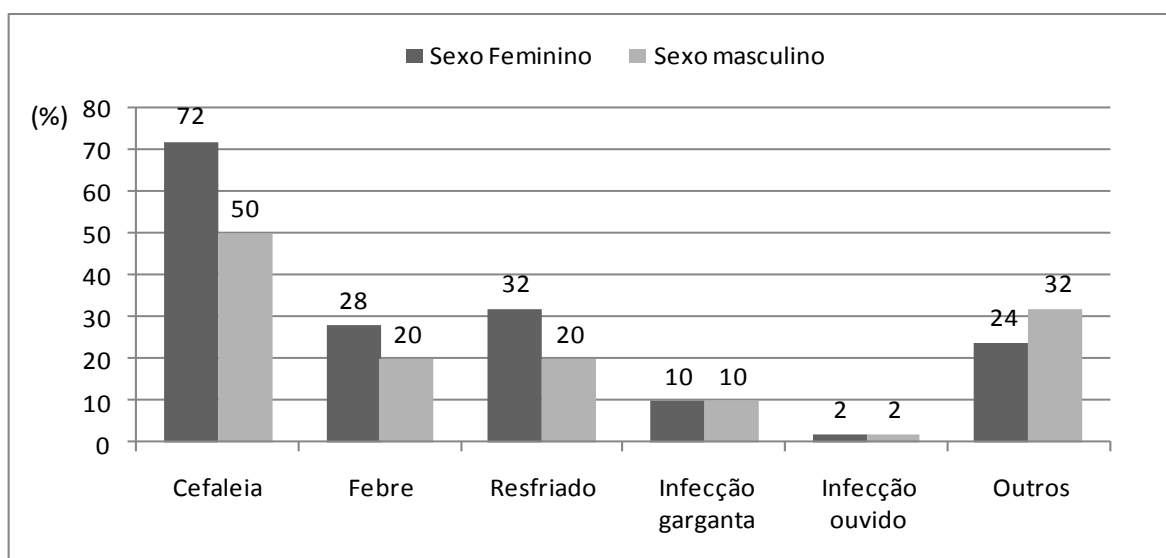


Figura 1. Quadros clínicos associados à automedicação de acordo com pesquisa realizada junto aos clientes de uma farmácia comunitária do município de Muriaé - MG.

Fonte: Consolidado dos Questionários aplicados durante a pesquisa.

Os resultados estão de acordo com Francis et al. (2007) que, em estudo semelhante, observaram que, de maneira geral, o hábito da automedicação está principalmente associado

ao tratamento sintomático da dor. Outros sintomas citados pelos clientes foram dores musculares, dor estomacal, cólica abdominal, dor no corpo, gastrite, labirintite, dor de coluna, queimação estomacal, dor de dente e inflamação no pé. Vale salientar que os quadros de dor referem-se principalmente à dor neurogênica de origem inflamatória, o que justifica o amplo uso dos AINEs que, de modo geral também apresentam amplo índice terapêutico, porém, não totalmente destituídos de riscos. Sendo assim, são importantes maiores esclarecimentos e orientações à população acerca do uso racional de tais medicamentos.

Ao serem indagados sobre a escolha do medicamento para automedicação os resultados revelaram que 28 clientes do grupo feminino (56%) e 21 do grupo masculino (42%) citaram a indicação do balconista da drogaria, 12 clientes do grupo feminino (24%) e 17 do grupo masculino (34%) citaram a indicação de um amigo ou familiar e 10 clientes do grupo feminino (20%) e 12 do grupo masculino (24%) afirmaram que seguiram a indicação anterior de um prescritor (Tabela 3).

Tabela 3. Formas de indicação dos medicamentos considerados na prática da automedicação de acordo com pesquisa realizada junto aos clientes de uma farmácia comunitária do município de Muriaé - MG.

Formas de indicação para automedicação	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Indicação do balconista da drogaria	28 (56%)	21 (42%)	49%
Indicação de um amigo ou familiar	12 (24%)	17 (34%)	29%
Foi indicado anteriormente por um prescritor	10 (20%)	12 (24%)	22%
Total	50	50 (100%)	100

Fonte: Consolidado dos Questionários aplicados durante a pesquisa.

Segundo Vitor et al. (2008), neste contexto, os balconistas atuam como verdadeiros prescritores e agem favorecendo o uso inadequado dos medicamentos o que contribui para a população optar pelos medicamentos como fonte de saúde e pela farmácia como substituto dos serviços de saúde e do médico. Embora os balconistas possuam prática e experiência quanto aos nomes dos medicamentos e, muitas vezes de sua indicação terapêutica, eles não apresentam conhecimentos específicos sobre os diferentes princípios ativos, e são muitas as situações que podem gerar erros na escolha do medicamento, considerando-se não só os aspectos farmacodinâmicos como também os farmacocinéticos.

Os resultados revelaram que 31 clientes do grupo feminino (62%) e 33 do grupo masculino (70,2%) afirmaram que procuram sempre ter medicamentos em casa, enquanto que 19 clientes do grupo feminino (38%) e 14 do grupo masculino (29,8%) afirmaram que não possuem medicamentos no domicílio, mas compram sempre que precisa (Figura 2). Um questionário foi anulado nessa questão, devido à marcação de mais de uma opção e dois não responderam, totalizando 47 clientes no grupo masculino e 50 no feminino. Apenas dois clientes do grupo masculino afirmaram que realizam consulta médica em uma unidade de saúde para obtenção de receita médica.

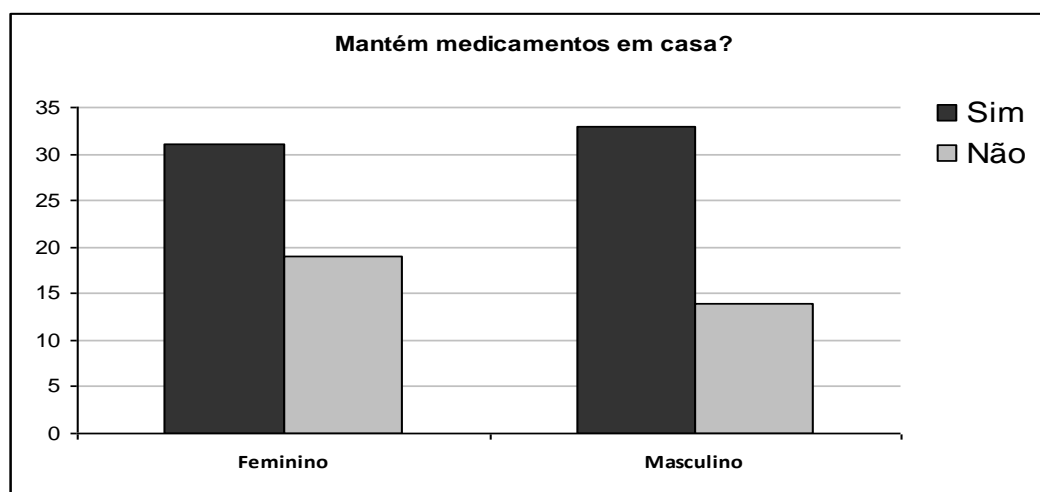


Figura 2. Número de clientes associado ao hábito de armazenar ou não medicamentos em casa, de acordo com o sexo, conforme pesquisa realizada com clientes de uma farmácia comunitária do município de Muriaé - MG.

Fonte: Consolidado dos Questionários aplicados durante a pesquisa.

Quanto à questão do conhecimento sobre os possíveis danos ou benefícios causados pela prática da automedicação, 39 clientes do grupo feminino (78%) e 40 do grupo masculino (80%) afirmaram apresentar tais conhecimentos (Figura 3).

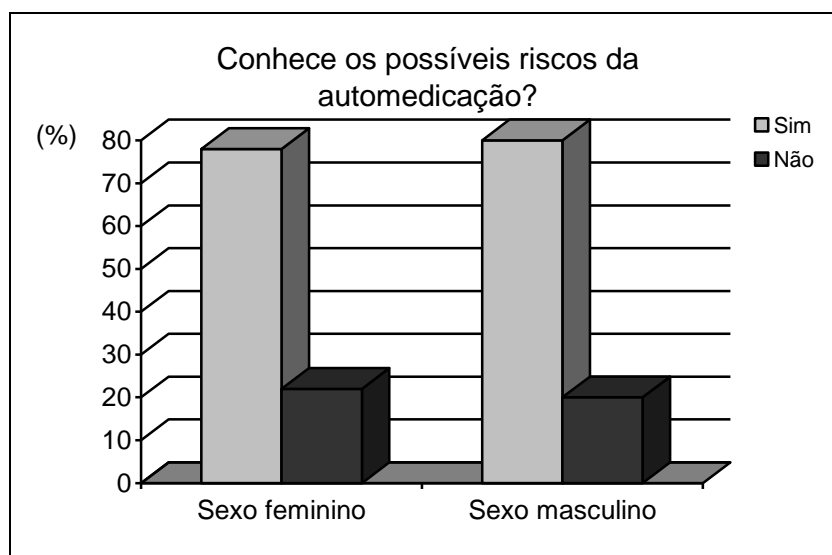


Figura 3. Análise comparativa sobre o conhecimento dos possíveis riscos da automedicação, de acordo com o sexo, conforme pesquisa realizada com clientes de uma farmácia comunitária do município de Muriaé - MG.

Fonte: Consolidado dos Questionários aplicados durante a pesquisa.

Conforme os resultados, 38 clientes fazem uso simultâneo de medicamentos, sendo 23 do grupo feminino e 15 do grupo masculino. Sendo assim, 62 clientes declaram que não fazem uso simultâneo de medicamentos, ou seja, a maioria. Em relação ao conhecimento sobre as possíveis interações medicamentosas, 23 clientes do grupo feminino (46%) e 24 do grupo masculino (48%) afirmaram possuir tais conhecimentos. Vale salientar que as interações medicamentosas podem levar a efeitos muitas das vezes indesejáveis e perigosos, podendo causar danos irreversíveis ao organismo, uma vez que as interações medicamentosas podem ser de difícil diagnóstico, pela variabilidade observada entre pacientes, quando cada organismo reage de um modo diferente diante do tratamento medicamentoso. As interações podem tanto potencializar o efeito de um medicamento, levando a quadros de toxicidade, como também promover a redução dos efeitos e, quanto maior o número de medicamentos, maior o risco de interação.

Ao serem indagados a respeito da importância da orientação do farmacêutico na dispensação de medicamentos, a grande maioria, ou seja, 49 clientes de ambos os grupos respondeu positivamente, perfazendo 98% da amostra estudada (Figura 4).

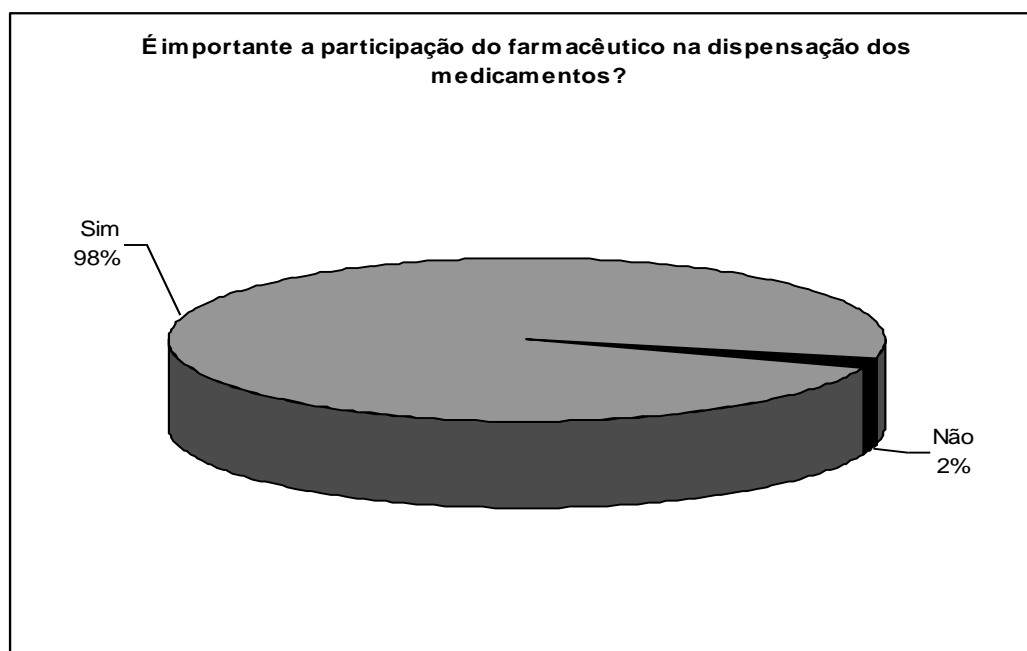


Figura 4. Pesquisa referente à importância do farmacêutico na dispensação de medicamentos, conforme pesquisa realizada com clientes de uma farmácia comunitária do município de Muriaé - MG.

Fonte: Consolidado dos Questionários aplicados durante a pesquisa

Recentemente foi divulgada a resolução 586/2013 que institui a prescrição farmacêutica no Brasil, a qual foi aprovada Pelo conselho Federal de Farmácia (CFF) em 29 e 30 de agosto do corrente ano e autoriza a prescrição de medicamentos sem tarja (de venda livre), bem como de plantas medicinais, drogas vegetais e fitoterápicos que não necessitam de prescrição médica. Dentre os objetivos de tal resolução tem-se a expansão das prescrições para outros profissionais, principalmente os farmacêuticos, como um modo intensificar e ampliar o cuidado aos pacientes. Os farmacêuticos ficam, ainda, autorizados e amparados pela resolução a iniciar, adicionar, substituir, ajustar, repetir ou interromper o tratamento farmacológico. Acredita-se que a mesma possa favorecer a população, uma vez que a busca por assistência médica torna-se cada dia mais difícil, devido à grande demanda e a pouca oferta do serviço, e muitas das vezes o paciente precisa esperar por vários dias e até meses para conseguir essa assistência.

Observaram-se ainda nos dados obtidos que 29 clientes do grupo feminino (58%) e 41 dos clientes do grupo masculino (82%) não apresentam o hábito de ler e seguir as orientações da bula que acompanha os medicamentos, enquanto que 21 dos clientes do grupo feminino e nove dos clientes do grupo masculino buscam as devidas informações nas bulas que acompanham os medicamentos. Neste aspecto, é importante a discussão sobre o motivo pelo

qual a maioria dos clientes não se preocupa com as informações importantes que as bulas dos medicamentos trazem para auxiliar na segurança do uso do medicamento. Neste estudo não foi abordada tal questão, no entanto, os clientes deixam de ler ou seguir as informações contidas nas bulas por não saberem o significado dos termos técnico-científicos, pela dificuldade de leitura referente ao tamanho da letra e pelo excesso de informações, essas muitas das vezes desconhecidas pelos clientes, o que acaba contribuindo para o uso irracional dos medicamentos.

4 – Considerações Finais

De acordo com a metodologia utilizada foi possível concluir que: a maioria dos clientes do grupo feminino que se automedica encontra-se na faixa etária entre 20 e 30 anos, enquanto que no grupo masculino os clientes encontram-se na essa faixa etária entre 31 e 40 anos; a maioria das clientes do grupo feminino não possui plano de saúde; as principais classes de medicamentos envolvidas na automedicação incluem os anti-inflamatórios não esteroidais - AINEs e os miorrelaxantes/espasmolíticos; os sintomas mais citados para a procura da automedicação são cefaléia, seguida de febre, em ambos os grupos, sendo o balconista responsável pela indicação da maioria dos medicamentos sem prescrição, em ambos os grupos; a maioria dos clientes mantêm medicamentos em domicílio, mas consideram importante a orientação do farmacêutico na dispensação de medicamentos; a maioria dos clientes afirma ter conhecimentos dos riscos da automedicação, mas desconhece possíveis interações entre os medicamentos.

5 – Referências Bibliográficas

AQUINO, Daniela Silva de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. abr., p. 733-736, 2008.

AQUINO, Daniela Silva de; BARROS, José Augusto Cabral de; SILVA, Maria Dolores Paes da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, ago., p. 2533-2538, 2010.

BECKHAUSER, Gabriela Colonetti et al. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Rev. Paul. Pediatr.*, São Paulo, v. 28, n. 3, set., p. 262-268, 2010.

BRASIL. Conselho Federal de Farmácia. Resolução Nº 586 de 29 de Agosto de 2013. Regula a prescrição farmacêutica e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 26 de setembro de 2013. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/59577213/dou-secao-1-26-09-2013-pg-136>>. Acesso em: 03 de nov. de 2013.

CARVALHO, Diélly Cunha de et al. Uso de medicamentos em crianças de zero a seis anos matriculadas em creches de Tubarão, Santa Catarina. *Rev. Paul. Pediatr.*, São Paulo, v. 26, n. 3, set., p. 238-244, 2008.

CUNHA, Kamila Onose Araujo et al. Representations regarding the rational use of medications in family health strategy teams. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 46, n. 6, dez., p. 1431-1437, 2012.

DANDOLINI, Bruna Werner et al . Rational use of antibiotics: an experiment for the health education of schoolchildren. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, maio., p. 1323-1331, 2012.

FINKEL, R.; CABEDDU, L. X.; CLARK, M. A. *Farmacologia ilustrada*. Trad. e revisão técnica: A. Langeloh., Porto Alegre: Artemed, 4. ed., 2010, 568 p.

FOPPA, Aline Aparecida et al . Atenção farmacêutica no contexto da estratégia de saúde da família. *Rev. Bras. Ciênc. Farm.*, São Paulo, v. 44, n. 4, dez.,p. 727-737, 2008.

FRANCESCHET-DE-SOUSA, Iane et al. Uso racional de medicamentos: relato de experiência no ensino médico da Unesc, Criciúma/SC. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, dez., p. 438-445, 2010 .

KATZUNG, B. G. *Farmacologia básica e clínica*. São Paulo: McGraw, 10 ed., 2007, 1046 p.

LEITE, Silvana Nair; VIEIRA, Mônica; VEBER, Ana Paula. Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. abr., p. 793-802, 2008.

LIMA, Geandra Batista; NUNES, Lívio César Cunha; BARROS, José Augusto Cabral de. Uso de medicamentos armazenados em domicílio em uma população atendida pelo Programa Saúde da Família. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 3, Nov., p. 3517-3522, 2010.

MEDEIROS, Renata Araújo de; PEREIRA, Vioska Gomes; MEDEIROS, Soraya Maria de. Vigilância em saúde na enfermagem: o caso das medicações sem prescrição em crianças. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, jun., p. 233 - 237, 2011.

NAVES, Janeth de Oliveira Silva et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, jun., p. 1751-1762, 2010.

OLIVEIRA, Edilson Almeida de et al. Uso de medicamentos do nascimento aos dois anos: Coorte de Nascimentos de Pelotas, RS, 2004. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 44, n. 4, ago., p. 591-600, 2010.

PEREIRA, Francis S. V. T. et al. Automedicação em crianças e adolescentes. *J. Pediatr.*, v. 83, n. 5, out., p. 453- 458, 2007.

RIBEIRO, Maria Isabel et al. Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança. *Rev. Port. Sau. Pub.*, Lisboa, v. 28, n. 1, p. 41-48, 2010.

SILVA, Ilane Magalhães et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 1651-1660, 2011a.

SILVA, Lucas Salles Freitas et al. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do estado de Minas Gerais. *Odontol. Clín.-Cient. (Online)*, Recife, v. 10, n. 1, mar., p. 57-63, 2011b.

SILVA, Rafaella Arcoverde; MARQUES, Flávia Duarte; GOES, Paulo Sávio Angeiras de. Fatores associados à automedicação em dor de dente: análise a partir dos profissionais dos estabelecimentos farmacêuticos da cidade do Recife, PE. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. abr., p. 697-701, 2008c.

SOUZA, João Fábio R. de; MARINHO, Carmem L. C.; GUILAM, Maria Cristina R.. Consumo de medicamentos e internet: análise crítica de uma comunidade virtual. *Rev. Assoc. Med. Bras.*, São Paulo, v. 54, n. 3, jun., p. 225-231, 2008.

STORPIRTIS, S. et al. *Farmácia Clínica e Atenção Farmacêutica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1 ed., 2008, 528 p.

TOURINHO, Francis S. V. et al. Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes. *J. Pediatr.*, v. 84, n. 5, out., p. 416-422, 2008.

VINHOLES, Eduardo Rocha; ALANO, Graziela Modolon; GALATO, Dayani. A percepção da comunidade sobre a atuação do Serviço de Atenção Farmacêutica em ações de educação em saúde relacionadas à promoção do uso racional de medicamentos. *Saude Soc.*, São Paulo, v. 18, n. 2, jun., p. 293-303, 2009.

VITOR, Ricardo Sozo et al. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. abr., p. 737-743, 2008.